

O CREPÚSCULO DO MACHO: A MEMÓRIA COMO INTERVENÇÃO POLÍTICA

André Fonseca Feitosa¹

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco.

BOLSISTA CAPES/CNPQ.
andre.historia.pb@gmail.com

Simpósio Temático nº 23 – Interseccionalidade E Os Efeitos De Subjetividade Em Narrativas De Vida

RESUMO

Em 1980 o jornalista e ex-guerrilheiro Fernando Gabeira chegava ao Rio de Janeiro após dez anos de exílio. Apesar de anos desejando esse retorno seu reencontro com o Brasil foi marcado por um estranhamento mútuo: seu país mudara e ele também. Seus passos eram acompanhados pela opinião pública, observando suas posturas enquanto símbolos da luta contra a ditadura militar ou de terroristas repatriados. Gabeira voltara outro e durante o tempo fora reelaborou tanto ideias políticas quanto suas identidades de gênero e sexual, vivendo-os de maneira diferente de antes. Essa configuração fez emergir choques entre a performance do corpo de Gabeira e as expectativas sociais sobre sua figura “histórica” e pública. Com um misto de provocação e indignação, Gabeira apresentou estes embates em seu livro autobiográfico *Entradas e Bandeiras* publicado em 1981. Este trabalho analisa essa narrativa entendendo o texto como uma escrita de si com finalidade de intervenção política. Baseamo-nos no debate sobre a produção do sujeito a partir de Michel Foucault e do reconhecimento social em Judith Butler, observando estes confrontos entre as expectativas sociais e tradicionais acerca das masculinidades e seu choque com a instabilidade dos gêneros a partir da emergência dos debates identitários na década de 1980.

Palavras-chave: Fernando Gabeira, Memória, Escrita de si, Gênero.

ABSTRAT

In 1980, journalist and former guerrilla Fernando Gabeira arrived in Rio de Janeiro after ten years of exile. However Gabeira was anxious about his return, it was marked by a mutual estrangement. The public opinion observed him in his daily life, observing his posture as a symbol of the struggle against the military dictatorship or as a left terrorist. Gabeira had returned a new person specially with a new understanding about his gender and sexual identities beyond his political experiences. This configuration gave rise to clashes between the gendered performance assumed by Gabeira and social expectations about his “historical” and public figure. These clashes were discussed by Gabeira

himself in his autobiographical book *Entradas e Bandeiras*, published in 1981. This work analyzes his narrative and think the text as a writing of itself with the purpose of political intervention. Supported by the contributions from Michel Foucault's reflections about the subject and the social recognition from Judith Butler we analyses the clashes between social and traditional expectations about masculinity and their clash with the instability of genders from the emergence of identity debates in the 1980s.

Keywords: Fernando Gabeira, Memory, Self-writing, Gender.

INTRODUÇÃO

Em 1980 o jornalista e ex-guerrilheiro Fernando Gabeira chegava ao Rio de Janeiro após dez anos de exílio. Seu reencontro com o Brasil, porém, foi marcado por um estranhamento mútuo. Gabeira voltara outro e, para além das experiências políticas, seu exílio o levava a reelaborar suas identidades de gênero e sexual, vivendo-os de maneira diferente de antes. Essa configuração fez emergir choques entre a performance de gênero assumida por Gabeira e as expectativas sociais sobre sua figura “histórica” e pública, observada pela opinião pública, que acompanhava os exilados em seu cotidiano. Estes embates foram discutidos pelo próprio Gabeira em seu livro autobiográfico *Entradas e Bandeiras* publicado em 1981.

Este trabalho analisa a narrativa de *Entradas e Bandeiras* procurando entender como essa escrita de si produzia uma crítica e indignação ao reconhecimento social que era negado a Gabeira. Pensamos na ideia de sujeito a partir de Michel Foucault e do reconhecimento social em Judith Butler. Discutiremos como este conflito pode ser útil para entender os confrontos entre as expectativas sociais e tradicionais acerca das masculinidades e seu choque com a instabilidade dos gêneros a partir da emergência dos debates identitários na década de 1980.

O texto apresenta uma visão geral sobre Gabeira e sua produção; em seguida apresenta os conflitos entre a vigilância da conduta de Gabeira por amigos e pela mídia como descritos no seu livro; discute o lugar do reconhecimento social no texto de Gabeira; e por fim propõe uma reflexão sobre caminhos para historiografia brasileira a partir dessa problemática.

DESENVOLVIMENTO

Fernando Gabeira nasceu em uma família descendente de migrantes libaneses em Juiz de Fora, interior de Minas Gerais. Seu pai tinha um pequeno comércio que Gabeira provavelmente herdaria se não tivesse decidido ir para o Rio de Janeiro se tornar jornalista. Lá atuou em diversos jornais como o Jornal do Brasil e entrou para a luta armada durante a Ditadura Militar.

Durante a ditadura militar, Gabeira ajudou amigos e organizações clandestinas indiretamente, entrando depois na vida clandestina e participando da organização Movimento Revolucionário Oito de Outubro. Participou do sequestro do embaixador norte-americano, Charles Burke Elbrick, ação que chamou grande atenção na época. As exigências da organização foram atendidas pelo governo militar, e o embaixador liberado. A repressão não tardou a alcançar os envolvidos no sequestro, e Gabeira foi preso e torturado. Depois outro grupo de guerrilheiros realizou ação semelhante, conseguindo sua soltura entre as demandas exigidas pela liberdade do embaixador da Alemanha.² Gabeira então foi exilado e enviado para a Argélia, na África. A trajetória de sua passagem pela guerrilha urbana foi escrita em seu livro de memórias *O que é isso companheiro* (1979), cuja redação começou ainda no exílio.

Após seu retorno ao Brasil em 1979 Gabeira escreve outros dois livros: *O Crepúsculo do Macho* (1980) e *Entradas e Bandeiras* (1981). No primeiro descreveu seus anos de exílio em suas passagens por países como Cuba, Chile e a Suécia. No segundo, descreve seu retorno ao Brasil e suas experiências imediatas como ex-exilado. Os livros alcançam boa repercussão, especialmente *Que é isso companheiro*. Gabeira então continuou escrevendo livros e refletindo sobre a política e questões “novas” para o Brasil como feminismo e as lutas ambientalistas. Retomou a vida política, participando do Partido dos Trabalhadores (PT) e do Partido Verde (PV), candidatando-se ao governo do Rio de Janeiro em 1986 e depois a Presidência em 1989, sempre de olho nos debates da constituinte. Teve quatro mandatos como deputado federal entre 1994 e 2010. Candidatou-se a governador do Rio de Janeiro em 2010.

Gabeira como Ulisses: a Trilogia do Retorno.

As obras *Que é isso companheiro*, *Crepúsculo do Macho* e *Entradas e Bandeiras* formam a Trilogia do Retorno de Fernando Gabeira.³ Como vimos, estes

livros compõem suas memórias e reflexões autobiográficas sobre a imersão de Fernando Gabeira na clandestinidade durante a Ditadura Militar e o seu retorno para o Brasil. Ainda no exílio havia grande expectativa sobre os resultados da Anistia. Gabeira recebia frequentes ligações de amigos do Brasil, que o informavam sobre a possibilidade de sua volta. A imprensa também acompanhava tal processo. Seu retorno era esperado e carregado de expectativas, ligadas ao passado do país e sua memória coletiva, processo que em certa medida transpassava ao próprio Gabeira: seu retorno não era só seu, mas um fenômeno maior da política brasileira. Inicialmente, não poderia voltar, pois não seria concedida anistia aos guerrilheiros que pegaram em armas. Porém dado que Gabeira fora preso, mas não julgado tal prerrogativa não pode ser aplicada a ele, permitindo seu retorno. Assim, o exilado era codificado distintamente segundo seu comportamento perante o regime militar o que definia seu direito ou não à volta. O tipo de reconhecimento atribuído ao sujeito pelo Estado brasileiro, ligava-se diretamente ao usufruto de direitos e, neste caso, ao acesso a seu território de origem. Veremos que os múltiplos reconhecimentos perpassarão o seu retorno das mais diferentes formas.

Ao chegar no aeroporto do Brasil encontrou com jogadores flamenguistas que também chegavam do exterior e, em conversa com um deles, recebeu um apoio inesperado. Depois, é surpreendido por alguém que o interpela: “Por acaso vocês foram terroristas na década de [19]60?” (1981, p.23). Acompanhamos Gabeira ser levado pelo braço em comemoração de amigos e atenção dos jornalistas. Organizam-se comemorações de amigos ansiosos por reencontrar Gabeira e comemorar sua volta. Recebido por muitos como um herói, como símbolo da resistência, da luta contra a ditadura militar naquele momento de enfraquecimento do regime, havia uma expectativa constante por Gabeira preencher esse espaço de memória. Durante seu exílio, porém Gabeira mudara e rompera com muitas certezas que tinha enquanto revolucionário. Enquanto parte do país o reconhecia pelo seu passado de terrorista, guerrilheiro ou herói, Gabeira se preocupava com seu futuro, continuando uma ruptura que se iniciara: “Meu passado estava quase todo no aeroporto. Mas e o futuro?” (1981, p.32).

Os dilemas sexuais do reconhecimento: Entrar sem dar Bandeira.

“Como você está estranho! Ainda bem que alguns asilados não mudaram em nada! (GABEIRA, 1981, p.166)

É em *Entradas e Bandeiras* que sua mudança na forma de lidar com sua expressão de gênero e sexualidade aparecem mais intensamente, muito mais polêmicas para os outros que para o próprio Gabeira. Surgem desconfianças e choques pelas novas roupas de Gabeira mais coloridas, de cortes e modelos que escapavam à rigidez e discricção do vestuário masculino da época. O mais famoso índice: a polêmica Tanga de Crochê que Gabeira utilizara na praia de Ipanema na cidade do Rio de Janeiro onde faz nova morada:

Aquela rápida passagem pela praia não ficou numa rápida passagem pela praia. Começaram a circular rumores que havia freqüentado a praia de Ipanema com uma tanga de crochê. Não entendi porque uma tanga de crochê. Era nitidamente uma tanga de malha, dessas industriais que se tecem à máquina. Talvez **achassem aquilo muito feminino** e queriam enfatizar a suavidade da tanga. De fato, **pertencera à minha prima** e eu pedi que me enviasse do Brasil, porque antes de ir para a Grécia costumava ir à piscina em Estocolmo. Não tinha nenhuma relação especial com a tanga. (GABEIRA, 1981, p.86-87 *grifos meus*)

A tanga se tornara motivo de notícias e de rumores. A constante vigilância dos corpos e expressões de gênero não deixam passar incólume essa dissonante aparição de Gabeira nos seus trajes e logo se levantam suposições sobre sua (ausência de) masculinidade. Durante a edição de seu livro, *Que é isso companheiro*, Gabeira enviou uma foto para ilustrar a contracapa: uma foto sua em Estocolmo de macacão jeans e tamancos suecos. Não sem alguma ironia Gabeira descreve a recepção da fotografia:

A foto foi vetada pelo editor da principal editora alternativa do País. O livro contando as experiências dos anos 60 seria publicado, mas **a imagem que eu expressava na foto não era a de um revolucionário**. Como? - pergunte por telefone, ao ser informado da notícia. Era verdade. O conselho editorial se reunira e o homem-chave vetou a foto, aos gritos. Ele também era de Minas Gerais e **achava que se publicasse uma foto daquelas, as pessoas iam acreditar que não era sério**. Um pouco mais adiante, num outro diálogo admitia:
- O que **vai dizer de mim, meu pai** de mais de 70 anos, se publico uma foto desse jeito? (1981, p.70, *grifos meus*)

Esta passagem revela de maneira mais aberta os conflitos escancarados e sutis que Gabeira enfrentaria dali a diante. Seu “eu” revolucionário passado, ou sua imagem, não se coadunava com a expressão de sua expressão naquela foto e também do seu eu presente. Um revolucionário é um homem macho, sério que pega em armas, corajoso, firme; quem era aquele homem de roupas pouco sérias, entre cores e aspectos pouco sérios da imagem? Gabeira ao entrar no ballet no exílio percebera como eram rígidos os corpos masculinos no Brasil. Embora Gabeira seja um ex-guerrilheiro sua imagem não expressava segundo a expectativa de uma imagem de guerrilheiro para o editor. O que era ser um revolucionário? A imagem da fotografia ou a imagem do corpo que perambulava em crise pelas ruas? Quem lia um livro esperando luta, aventura e projetos sérios para o país ilustrada pela figura de um homem de roupa colorida, de macacão e tamancos? Assim, o primeiro aspecto que quero ressaltar é a incongruência entre a imagem da expectativa e do corpo performático.⁴ Para além dessa contradição aparente ou produzida entre seriedade e luta armada há um certo silêncio, algo implícito que nem sempre é dito claramente. As roupas que não eram de homem: no sentido amplo da palavra, enquanto comportamento e expressão masculina (gênero), mas também aos valores dele esperados, seriedade, sobriedade na expressão, firmeza, etc. Um homem que não é viril não é sério poderíamos dizer.

A imprensa não lhe dá sossego. Gabeira dá uma entrevista a revista *Manchete* que a intitula: *Como Seqüestrei o Embaixador Americano*. Ele incomoda-se com a injustiça do título, pois a ação foi feita coletivamente e que isso poderia render desafetos e desconfianças com pessoas que não era mais tão próximo. Enquanto fala de seu medo, no entanto, Gabeira nos prepara para o contraste. Um amigo respondeu em jornal alternativo identificando o papel de Gabeira na ação do sequestro respondendo a publicação da *Manchete* e assumindo o mal entendido. Contudo Gabeira percebe que essa não a grande preocupação e polêmica do artigo:

O curioso é que estava preocupado com uma coisa e, no entanto, a verdadeira repercussão da reportagem era outra. (...) No Restaurante Natural onde almoçava todos os dias agora fico sabendo do problema real a respeito da reportagem de *Manchete*: os sapatos brancos que comprara no Exército da Salvação.

(...) A revista circulara entre os visitantes [na prisão no Rio de Janeiro que fizeram parte da luta armada] e os comentários eram negativos. O sapato branco era um pouco alto demais – parecia sapato de mulher.

Como é que uma pessoa como eu podia usar sapatos desse tipo?
(1981. p.79-80 *grifo meu*)

A construção literária de Gabeira é permeada por constantes contrastes de imagens. Esse artifício lhe permite sutilmente reforçar seus argumentos ao dispor lado a lado situações que levam o leitor a comparar situações, reações, dos acontecimentos narrados. A lembrança assim se torna política e crítica. Nessa citação ele procura contrastar o desentendimento que imagina e procura evitar daquele que efetivamente acontece. O campo de sua preocupação é público (classicamente político) e encarado como motivo que podia gerar desafetos, mas somos surpreendidos pela questão prosaica, novamente, da masculinidade. Além disso, desta vez a crítica e rumor não se encontra no campo de uma Imprensa conservadora ou polemista, mas junto a seus amigos, ou seja, daqueles dos quais não esperaríamos ou dos quais Gabeira não esperaria uma discriminação – não seriam os ex-companheiros “progressistas”? Também há um esforço de demonstrar que, à direita ou à esquerda, a questão da masculinidade afetava a todos. A frase ao final, “Como uma pessoa como eu podia usar sapatos desse tipo?” reforça a expectativa sobre uma imagem construída em sua trajetória. É curioso porque ela revela algo mais: haveria então um grupo de homens aos quais poderia ser facultado esse uso? Quem seriam eles e quais lugar na hierarquia social eles ocupariam a partir desse imaginário segregador?

Isto remete também a passagem na qual comenta da reação do editor a fotografia para a capa de *Que é isso companheiro*. Ao “citar” a fala do editor na qual se exprimem a preocupação com uma identidade mineira ou a expectativa de seu pai pensaria ao ver aquela imagem, Gabeira procura nos provocar e acompanhar sua indignação com a preocupação dos outros acerca de sua imagem. Mais ainda: a sua imagem parece não ser algo apenas seu, mas afetar estranhamente os demais ao seu redor. Ainda que sejam acontecimentos que o leitor poderia entender como “apenas” descritos, é também uma seleção e elaboração narrativa das suas memórias, a fim de conseguir com um leitor uma cumplicidade com aquilo que indigna o narrador.

Fazei de meu fuzil e de minha tanga objetos que questionem!

Os rumores sobre minha vida sexual acabaram me jogando de novo nas ruas da infância (GABEIRA, 1981, p.103)



Em suas reflexões sobre sua infância fica claro que a homossexualidade não era algo novo e completamente extirpada do corpo social da cidade que crescera: Juiz de Fora. Se seguirmos a recomendação de Foucault e pensarmos o poder como produtivo e não apenas negativo, poderemos identificar que, embora marginais, os homossexuais tinham um lugar que lhes era direcionado, em uma economia de reconhecimento e de desejos que distribuía identidades, corpos, direitos e dignidade de acordo com sua posição frente aos códigos sociais heteronormativos.

Gabeira menciona que em sua infância os homossexuais eram chamados de veados. E cita alguns deles. Sissi, por exemplo, era famoso pelo seu jeito “escandaloso” e “requebrado”. Em outras palavras, movia o corpo de maneira menos rígida que a esperada para um homem; usava tons e palavras não esperadas para um homem; chamava a atenção para si de um jeito interdito aos homens. Aproximava-se assim do feminino sendo rejeitado socialmente: não era cumprimentado, não lhes sorriam ou falavam (1981, p.100).

Sobre a relação sexual com os veados da cidade comenta:

Nenhum de nós menino, dizia-se veado. Nós nos masturbávamos juntos para ver quem conseguia lançar o esperma longe. Os veados frequentavam o centro da cidade e só com o tempo é que fomos conhecendo todos. Não havia restrição moral à relação com eles. Eram veados, nós éramos machos e dizíamos que íamos comê-los (GABEIRA, 1981, p.100-101)

Desenha-se os contornos ainda mais complexos da relação entre os homossexuais e a sociedade brasileira ou a de Juiz de Fora na narrativa de Gabeira. Os homens machos – cuja performance de gênero era masculina e eram provavelmente de “boa família” – eram considerados machos, distinguindo-se dos veados – os desviantes da norma. Apesar de comerem os veados, ou seja, terem relações sexuais com os “veados”, apesar de realizarem entre homens atividades eróticas, ainda eram machos. A diferença o lugar ocupado nessa relação: a penetração do outro no ato sexual. Essa divisão ainda frequente no Brasil, relaciona a homossexualidade ou a “veadagem” mais à expressão de gênero (masculinidade ou feminilidade) e a posição sexual que a simples relação entre dois homens. Isto fica mais evidente quando Gabeira descreve outro grupo que conheceu na adolescência: os “besouros”.

Os besouros eram homens considerados masculinos e que eram ativos nos atos sexuais. O risco de perda do *status* de macho era um risco apenas para quem fosse visto com eles (não para os próprios), pois, deduzir-se-ia que ao andar com os besouros eram penetrados. Assim, os besouros eram menos estigmatizados que os veados. Mantinham relação de distância com os últimos – pois não queriam ser rejeitados como eles. Havia ainda uma possibilidade de redenção: estando em dia com a sua “natureza” de macho ao penetrarem e serem masculinos, poderiam se tornar “homens de fato” ao terem acesso a uma mulher. Essa passagem permite antever uma distinção social bastante complexa de gênero e sexualidade e o espaço de aceitação e reconhecimento que era destinados àqueles que desviavam da norma, a partir do quanto se distanciavam do ideal de virilidade.

Sentindo-se e sendo vigiados os homens envolvidos nessas relações eróticas observavam as possibilidades e limites do que fazer, como fazer, onde e quando, a fim de obterem o mais pleno (possível) reconhecimento enquanto indivíduos dotados de dignidade. Mas podemos ir mais além e relacionar a própria formação de sensibilidades. Afinal, essas estruturas sociais permitiam identificar relações de poder na coabitação humana e na própria formação dos sujeitos e daquilo que poderiam ou não ser/sentir: tais valores não apenas são instrumentos para viver em sociedade, mas são motores da produção de afetos: auto estima, angústia, aceitação (ou não), ódio, admiração, etc. Tomemos a contribuição psiquiátrico e social de Fanon. Ele descreve o movimento de projeção como uma identificação de uma “má tendência” a uma identidade: “Na medida em que descubro em mim algo de insólito, de repreensível, só tenho uma solução: livrar-me dele, atribuir sua paternidade ao outro. Assim, ponho fim a um circuito tensional que poderia comprometer meu equilíbrio”. (2008, p.161)⁵ Ora, “descobrir” em si mesmo o que torna o outro indigno de amor, respeito, proteção e até alvo de ódio e repulsa por aqueles que esperamos aceitação, apoio e refúgio pode levar a sensações de profundo sofrimento. Quando estes códigos circulavam direcionavam em alguma medida a ação e postura dos sujeitos (negociando os riscos com seus desejos, vontades e possibilidades), bem como sua auto percepção. Ver em si mais próximo do abjeto, dos veados, era um anúncio de tragédias. Daí que muitos sujeitos tentem extirpar esse abjeto em si seja pela negação de seus desejos, por esconder suas práticas ou mesmo direcionar o ódio de si ao outro. O “livrar-me” referido por Fanon pode ser compreendido não

apenas em livrar em si mesmo, mas se livrar no outro: em crimes de homofobia, em risadas, em piadas, em constrangimentos ou declarações de antipatia.⁶

CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foucault reflete sobre o sexo e sexualidade discutindo-o enquanto mecanismo de poder. A ideia de sexo ou de sexualidade organiza corpos, energias e prazeres a partir de propriedades intrínsecas e de leis próprias sobre a prática sexual (2005, p.143). Fazemos e entendemos o sexo a partir de uma formatação cultural ou social da “socialização das funções procriadoras” e de uma “lei da realidade”. Nessa análise pretendi mostrar como os sujeitos têm seus corpos, prazeres e práticas organizadas segundo uma certa configuração sexual. A exemplo: os veados são chamativos, femininos, passivos; os besouros são homens ativos e machos e podem se tornar homens completos futuramente; os machos podem se relacionar com homossexuais ativamente, mas não podem ser vistos juntos a besouros sob o risco de terem sua masculinidade questionada – no que tange a descrição das sociabilidades homoeróticas de Juiz de Fora na infância de Gabeira a partir de suas lembranças. O pano de fundo é construído em cima dos padrões binários de macho e fêmea, homem e mulher, da sociedade ocidental e sob o viés da expectativa da ordem natural das coisas: a heteronormatividade. Esta configuração porém não é um dado em si, mas nos permite antever nessa configuração uma distribuição de relações de poder, de direitos e corpos no corpo social de Juiz de Fora da infância de Gabeira. A partir do espaço de reconhecimento social seu espaço social seria mais ou menos restrito, se era melhor ou pior recebido pela sociedade, influenciando diretamente na vida material, psicológica e sobrevivência desses sujeitos.

Existe a norma e existem os desejos. Foucault abre um espaço ao afirmar que nesse cenário existe também uma “economia do prazer que sempre tenta contorná-la” (a lei das coisas) (2003, p.144). A própria descrição de Gabeira, é importante ressaltar, certamente não era partilhada, ou melhor, reconhecida por todos. Do ponto de vista de sua memória e experiência se revela toda uma ambiguidade que certamente não seria aceita, tolerada ou sequer experienciada por outros setores sociais. Concordo quando Foucault indica que sexo pode ser entendido como um dispositivo que organiza corpos em sua materialidade, suas forças, suas energias, suas sensações e seus prazeres. E nesse

sentido essa distribuição ocorre em acordo com outros marcadores de raça, crenças, posições políticas, classe, etc.

O reconhecimento é elemento fundamental para entender a ética liberal contemporânea e sua gestão da alteridade segundo Athena Athanasiou e J. Butler. Em síntese, a diferença tolerada pelo Estado liberal é limitada às normas elaboradas no e pelo próprio reconhecimento que regula o quê, como e quando uma prática, uma identidade ou algo mais são aceitos ou até mesmo podem existir. No limite, ser reconhecido implica usufruir de mais ou menos políticas que fazem viver ou deixam morrer (direitos). Como exemplo, podemos indicar, por exemplo, a identidade oferecida pelo regime militar aos opositores ao regime enquanto terroristas e, enquanto tais, o não reconhecimento de seus direitos ao julgamento, integridade física, etc. Assim ser identificado enquanto terrorista se liga a uma política de Estado que define quais corpos merecem ser deixados viver ou usufruir de liberdade, dignidade, etc. Esta identidade é rejeitada pelos militantes que usam outros termos para si: guerrilheiros, revolucionários. Esta divergência linguística não é neutra, mas política e estratégica para o reconhecimento.

Os sujeitos são produzidos através das interpelações do Estado que o constituem a partir daquilo que possuem ou lhes falta. Isto é decidido pelo próprio Estado e são os termos do reconhecimento. Essas perdas diferenciam sua sobrevivência através dos diversos marcadores sociais (raça, gênero, sexualidade, regionalidade, etc). Esse reconhecimento é pressuposto tanto para sua existência como produz marcadores que indicam a desigualdade das possibilidades dessa existência. Como exemplo podemos citar as travestis que eram presas e identificadas em leis criminais durante a ditadura militar ou, mais sutilmente, os veados que não recebiam sorrisos e eram cumprimentados na cidade de Juiz de Fora. Este constrangimento e declaração de má vontade a coabitação gerava impactos e restrições no seu dia a dia, segregava e distribuía os espaços e a dignidade na hierarquia social daquela cidade. Embora, Butler e Athanasiou escreveram preocupadas com as políticas de Estado e suas leis, usamos suas reflexões para pensar também as relações de reconhecimento e identidade entre outros sujeitos: os ex-colegas de luta política de Gabeira, pela Imprensa nacional e pelo próprio Gabeira. Quais marcadores sociais podem ser percebidos na escrita de Gabeira e quais termos eles oferecem para a existência dos sujeitos que produzem? Estas foram questões que procuramos apresentar no desenrolar deste artigo.

Sobre as identidades sociais de besouros, veados ou machos mais aceitas ou não são todas baseadas em uma base comum, a partir do modelo heteronormativo. São classificações baseadas no ideal de virilidade, orientando a distribuição em uma rede de poderes daquela sociedade. Isto é semelhante, em alguma medida, à discussão de Fanon ao indicar as formas como os próprios negros colonizados martinicanos construía suas identidades a partir do modelo branco francês (ideal) e negro senegalês (negativo). Muitos sequer se reconheciam como negros efetivamente, como Fanon descreve seu choque ao ser identificado como tal em sua viagem à França. Daí que muitos homossexuais hoje afirmem que não descobrem que são homossexuais, mas que são avisados pelos outros. Assim como Fanon é interpelado por uma criança pela frase “Olhe um negro!” os homossexuais são interpelados por piadas, comentários maldosos e avisos de conduta.

Do ponto de vista historiográfico, as categorias de reconhecimento articuladas a identidade nos auxiliam no desenho das organizações sociais, distribuição de consumo, direitos, organização urbana, populacional e cultural. O cruzamento delas também nos permite identificar as intersecções, ajudando a entender as dificuldades ou múltiplas exclusões que são encontradas por sujeitos em situações concretas. Assim, Gabeira como figura pública e representante de uma memória tinha uma vigilância maior e amplificada, porém, ainda assim, estava mais protegido de outras sanções como cidadão do que homossexuais afeminados naquele contexto como vimos. Daí que o cruzamento das identidades seja importante para pensar tanto o reconhecimento como também as consequências sociais, atentando para que nem sempre eles são apenas “empilhados”.

Parece-me que nos conflitos da Trilogia do Retorno de Gabeira ele se debatia com muitos lugares incômodos: o Brasil da Ditadura Militar e suas intransigência em O que é isso companheiro; em O Crepúsculo do Macho ansiava pelo retorno ao Brasil representando a situação de asilado uma nova “jaula”, um novo limitador de sua existência; para, por fim, se ver em um novo Brasil que, após dez anos se torna um novo lugar de incômodo, pois seu país e Gabeira constantemente estranham um ao outro em Entradas e Bandeiras. Em alguma medida a liberdade almejada por Gabeira está sempre distante a depender do contexto e sua viagem a ela nunca se efetiva. Onde lhe parecia mais “familiar”, o Brasil, o era em muitos sentidos: rede de amigos, parentes, língua, etc. Mas ao mesmo tempo trazia também aquilo de mais autoritário que tem na

própria família: a vigilância patriarcal e machista sobre os corpos, desejos e mentes. Gabeira foi um Ulisses que não se reconheceu no próprio oikos.

CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

Butler, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J; ATHANASIOU, A. **Desposesión: lo performativo em lo político**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editora Eterna Cadência, 2017.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato de Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT M. “Direito de morte e poder sobre a vida”. In **História da Sexualidade Vol.1**. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003. p.125-148.

GABEIRA, F. **Crepúsculo do Macho**. 18ª Ed. Coleção Edições do Pasquim. Vol. 81 Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1981.

_____. **Entradas e Bandeiras**. Coleção Edições do Pasquim. Vol. 94. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1981.

WAIZBORT, Leopoldo. A trilogia do retorno de Fernando Gabeira. **Escritos**: Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, Ano 7, n.7, 2013. p.41-92.

1 Este texto foi escrito para uma disciplina na Pós Graduação em História na Universidade Federal de Pernambuco ministrada pela Prof. Dra. Regina Guimarães Neto. O presente trabalho também foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – a Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2 Charles Burke Elbrick foi sequestrado no Rio de Janeiro em ação do Movimento Revolucionário 8 de Outubro e da Ação Libertadora Nacional em setembro de 1969. Trocaram pelo sequestrado 15 presos políticos. Esta ação é descrita em *Que é isso companheiro*. Já o sequestro de Ehrenfried von Holleben, embaixador da Alemanha Ocidental no Brasil, foi realizado pela Vanguarda Popular Revolucionária e pela Aliança Libertadora Nacional em 11 de junho de 1970. Conseguiram desta vez libertar 40 presos políticos entre os quais estava Fernando Gabeira.

3 A Trilogia do retorno foi proposto por Leopoldo Waizbort, Professor das Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, em artigo sobre as referidas obras de Fernando Gabeira. O autor faz uma discussão sobre memória e história a partir dessa trilogia bastante interessante e profunda. Muitas das características apontadas aqui já estão presentes no seu texto que vale muito a pena ser conferido.

Há um filme de Bruno Barreto, *Que é Isso companheiro* (1997) que descreve a luta armada brasileira e foi baseado no livro de Gabeira de mesmo nome de Fernando Gabeira. O filme teve várias indicações à prêmios como o alemão Urso de Ouro de Melhor filme (1997) e o de Melhor Filme Estrangeiro do Óscar pela Academy Awards dos Estados Unidos (1998). Ganhou o Prêmio do Público – Melhor Longa Metragem pelo American Film Institute (1997); e ganhou Melhor Direção e Melhor Filme pelo Prêmio Guarani de Cinema Brasileiro (1998).

4 Evitei aqui o termo, mas podemos também traduzir entre a masculinidade hegemônica ou compulsória e o corpo divergente de Gabeira.

5 O contexto dessa menção porém é sobre identidade racial. Fanon indica que Jung “assimila” o estrangeiro à “má tendência”. E, descrevendo a projeção na psicanálise clássica, Fanon a aplica ao racismo europeu: “Na Europa, o preto tem uma função: representar os sentimentos inferiores, as más tendências, o lado obscuro da alma.” (). Esse “inconsciente coletivo” é uma consequência de uma “imposição cultural irrefletida”. Da mesma maneira, podemos dizer, em alguma medida, que a rejeição e assimilação da homossexualidade ou do desvio de gênero é considerado por esta herança ocidental como representante de uma fonte de males, desvios e outros.

6 Daí que seja curioso o caso descrito por Gabeira de um rapaz mais velho que fingia dormir enquanto garotos se esfregavam nele. Ao levantar, reafirmava que estava dormido e dizia claramente que esperava que não tivessem se aproveitado dele, pois caso contrário precisaria bater neles. O Cavalo Preto, como era conhecido, era um preto maior e mais forte que os demais (GABEIRA, 1981, p.48). Esse teatro esconde e revela desejos, abre espaço para uma fantasia na qual o próprio sujeito se dispõe a reprimir uma imagem sexual que pode fazer a sociedade ou ele próprio encarar a homossexualidade que se deseja não existir; além de uma ameaça aqueles que romperem com as regras implícitas de uma relação marginal e sigilosa.